



cruzamento

PUBLICAÇÃO DA RESPONSABILIDADE PARÓQUIA DO SENHOR JESUS DO PADRÃO DA LÉGUA

DIRECTOR PADRE
JOAQUIM MARBÓ
AREAL ANDRADE

EDITORIAL

IMAGENS DA VIAGEM DO PAPA À TERRA SANTA

Foram, de facto, imagens inesquecíveis que, infelizmente, a nossa comunicação social não deu o devido destaque. Mas, provavelmente, se irá redimir neste dia 8 aquando do momento de oração conjunta de Francisco com Mahmoud Abbas e Shimon Peres (presidentes da Palestina e de Israel), no Vaticano. O convite a todos surpreendeu, e se não tiver outras repercussões pelo menos mostra que três religiões distintas, com dois representantes em conflito aberto há muitos anos, podem juntar-se e rezar pela paz.

No voo de volta de Tel Aviv, o Papa Francisco falou aos jornalistas sobre o significado de sua iniciativa: "Será um encontro de oração. Não será um encontro para fazer uma mediação ou buscar soluções, não! Reunir-nos-emos para rezar, somente. E depois, cada um volta para sua casa. Mas eu acredito que a oração seja importante, e rezar juntos sem fazer discussões de outro tipo, isto ajuda".

Ainda no voo, e falando sobre a inspiração para este encontro, Francisco explicou que "ele era pensado para ser realizado lá, mas existiam tantos problemas logísticos, tantos, pois eles devem considerar o território onde se fazer e não é fácil. Por isto, pensava-se numa reunião... mas no final, saiu este convite, que, espero, saia tudo bem".

Se este momento foi marcante porque inédito e importante, outros ficam na história. O responsável da comunicação social da viagem, Pe. David Neuhaus, fez um balanço da viagem e acres-

centou três imagens muito fortes:

"A primeira é a do Papa no Muro de Belém, onde ele tocou a dor do povo da Palestina, quando num gesto inesperado pede para parar e põe-se a rezar junto daquele muro, uma ferida nesta terra. É uma imagem fortíssima, toca a dor do povo palestino.

A segunda imagem é a do Papa com o Patriarca de Constantinopla. Este encontro era previsto, mas quando aconteceu foi um momento muito forte, um momento de esperança enorme para esta ferida no rosto da Igreja, esta

divisão não apenas com os nossos irmãos e irmãs ortodoxos, mas com todos os outros cristãos nós estamos a caminho da cura.

A terceira imagem é a do Papa no Yad Vashem (museu do holocausto); também esta muito forte. Este grito, porque não se tratou de um discurso, mas um grito poético: 'Onde estás ó homem? Onde estás Adão?'. A memória desta imagem é fortíssima! Naquele momento ele tocou a dor do povo hebraico e uma ferida no rosto da humanidade."

Por tudo isto damos relevo desta viagem neste número do *Cruzamento*.

O Pároco



CONTAS PAROQUIAIS

Começamos por pedir desculpa pelo atraso na apresentação das contas do ano passado, atraso devido ao primeiro número do *Cruzamento* sair preparando as festividades dos 50 anos da Paróquia, e o segundo por alturas da Visita Pascal, números que tendo de incluir muitas informações es-

pecíficas, deixaram para outro momento esta informação. Mesmo assim ainda não é possível apresentar as contas da Conferência Vicentina do Senhor Jesus do Padrão da Légua, que ficarão para nova oportunidade.

Para quem fizer uma leitura rápida, certamente irá ter muitas dúvidas, porque um saldo negativo persistente é sempre difícil de se compreender. É claro que os mais atentos identificarão isso como produto de tantas obras realizadas e que, praticamente, nos “esvaziaram os cofres”. É evidente que a base de sustentação da paróquia se mantém, e, por isso, não estamos em “banca

rota”, apenas a lutar por melhorar dos muitos investimentos que foram feitos.

Quanto aos números deste ano temos como principal elemento desequilibrador a aquisição do novo órgão litúrgico, que se revelou necessário fazer. O seu valor foi de 21.000,00 €, e se nos ofertórios das eucaristias acumulamos um pouco mais de 10% do valor, as outras realizações não chegaram a 1%. Perante isto, se não tivéssemos esta despesa teríamos feito uma recuperação substancial.

É evidente que as receitas diminuíram (não podemos esquecer os tempos de crise), mas a contenção nas despesas, afirmado na apresentação de contas do ano passado, pode-se dizer que foi feita.

As diminuições foram reais comparando com anos passados, e se em alguns itens foram muito sentidas, noutros o controlo possibilitou que não se criassem oscilações negativas. Apenas o novo órgão litúrgico destoou. Mas era muito necessário.

Gostaríamos de referir, por

REGISTOS PAROQUIAIS

Baptizados

Cátia Filipa da Silva Ferreira
Guilherme Nogueira Foro
Helena Monteiro Duarte
Inês Lopes Ribeiro
Júlia Luís Calor
Leandro Miguel Machado Costa
Maria Luís Ventura
Mariana Alexandra Santos
Roberto Fernando Soares Rosquete
Sarita Marques Santos Silva

Óbitos

Angelino de Figueiredo Coimbra
Agostinho Teixeira
Aida de Jesus Silva
António de Almeida
Arlindo Pereira
Lia Alzira Cardoso de Freitas
Maria dos Anjos Teixeira dos Santos
Maria Antonieta Marçal G. Liça Pinto
Maria Cândida Coelho
Porfírio da Silva
Rosa de Sousa Pacheco

último, o Fundo Paroquial que apesar das receitas estarem lentamente a diminuir, é uma importante ajuda. O seu problema principal prende-se com a falta de novos subscritores. E tantas pessoas que vêm à nossa igreja e que o poderiam ser.

Estamos já a meio de outro ano, e sem querermos fazer previsões para o futuro, acreditamos que seremos capazes de ter um olhar mais agradável quando virmos as contas deste ano.

1. RECEITAS (2013)

Liturgia	13.562,42 €
Ofertórios	17.502,96 €
Catequese	3.334,29 €
Cartório	3.000,00 €
Fundo Paroquial	14.051,00 €
Obras	16.638,26 €
Diversos	21.433,28 €

Total de receitas 88.522,21 €

2. DESPESAS (2013)

Culto	26.898,89 €
Ofertórios Diocesanos	6.260,17 €
Catequese	2.823,46 €
Cartório	5.335,24 €
Água, Luz, Gás, Telefone	10.779,93 €
Obras	1.868,69 €
Honorários	13.489,07 €
Diversos	29.667,89 €

Total de despesas 97.123,34 €

3. RESUMO

Saldo anterior (2012)	- 55.437,85 €
Receita (2013)	88.522,21 €
Despesa (2013)	97.123,34 €
Saldo (para 2014)	- 63.038,98 €

«ENCONTRAREIS UM MENINO...»

«Isto vos servirá de sinal: encontrareis um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura» (Lc 2,12).

Que graça grande celebrar a Eucaristia junto do lugar onde nasceu Jesus!

O Menino Jesus, nascido em Belém, é o sinal dado por Deus a quem esperava a salvação, e permanece para sempre o sinal da ternura de Deus e da sua presença no mundo. O Anjo disse aos pastores: «Isto vos servirá de sinal: encontrareis um menino...».

Também hoje as crianças são um sinal. Sinal de esperança, sinal de vida, mas também sinal de «diagnóstico» para compreender o estado de saúde duma família, duma sociedade, do mundo inteiro. Quando as crianças são acolhidas, amadas, protegidas, tuteladas, a família é sadia, a sociedade melhora, o mundo é mais humano.

Hoje Deus repete também a nós, homens e mulheres do século XXI: «Isto vos servirá de sinal», procurai o menino...

O Menino de Belém é frágil, como todos os recém-nascidos. Não sabe falar e, no entanto, é a

Palavra que Se fez carne e veio para mudar o coração e a vida dos homens. Aquele Menino, como qualquer criança, é frágil e precisa de ser ajudado e protegido. Também hoje as crianças precisam de ser acolhidas e defendidas, desde o ventre materno.

Infelizmente, neste mundo que desenvolveu as tecnologias mais sofisticadas, ainda há tantas crianças em condições desumanas, que vivem à margem da sociedade, nas periferias das grandes cidades ou nas zonas rurais. Ainda hoje há tantas crianças exploradas, maltratadas, escravizadas, vítimas de violência e de tráfico ilícitos. Demasiadas são hoje as crianças exiladas, refugiadas, por vezes afundadas nos mares, especialmente nas águas do Mediterrâneo. De tudo isto nos envergonhamos hoje diante de Deus, Deus que Se fez Menino.

E interrogamo-nos: Quem somos nós diante de Jesus Menino? Quem somos nós diante das crianças de hoje? Somos como Maria e José que acolhem Jesus e cuidam d'Ele com amor maternal e paternal? Ou somos como Herodes, que quer eliminá-Lo? Somos como os pastores, que se apressam a adorá-Lo prostran-

do-se diante d'Ele e oferecendo-Lhe os seus presentes humildes? Ou então ficamos indiferentes? Por acaso limitamo-nos à retórica e ao pietismo, sendo pessoas que exploram as imagens das crianças pobres para fins de lucro? Somos capazes de permanecer junto delas, de «perder tempo» com elas? Sabemos ouvi-las, defendê-las, rezar por elas e com elas? Ou negligenciamos-las, preferindo ocupar-nos dos nossos interesses?

«Isto nos servirá de sinal: encontrareis um menino». Talvez aquela criança chore! Chora porque tem fome, porque tem frio, porque quer colo... Também hoje as crianças choram (e choram muito!), e o seu choro interpela-nos. Num mundo que descarta diariamente toneladas de alimentos e remédios, há crianças que choram, sem ser preciso, por fome e doenças facilmente curáveis. Num tempo que proclama a tutela dos menores, comercializam-se armas que acabam nas mãos de crianças-soldado; comercializam-se produtos confeccionados por pequenos trabalhadores-escravos. O seu choro é sufocado: o choro destes meninos é sufocado! Têm que combater, têm que trabalhar, não podem chorar! Mas choram por elas as mães, as Raquéis de hoje: choram os seus filhos, e não



querem ser consoladas (cf. Mt 2,18).

«Isto vos servirá de sinal: encontrareis um menino». O Menino Jesus nasceu em Belém, cada criança que nasce e cresce em qualquer parte do mundo é sinal de diagnóstico, que nos permite verificar o estado de saúde da nossa família, da nossa comunidade, da nossa nação. Deste diagnóstico franco e honesto, pode brotar um novo estilo de vida, onde as relações deixem de ser de conflito, de opressão, de consumismo, para serem relações de fraternidade, de perdão e reconciliação, de partilha e de amor.

Ó Maria, Mãe de Jesus,
Vós que acolhestes,
ensinai-nos a acolher;
Vós que adorastes,
ensinai-nos a adorar;
Vós que acompanhastes,
ensinai-nos a acompanhar.
Amen.

Papa Francisco
Praça da Majedoura (Belém)
25 de Maio de 2014



CANTINHO DOS ACÓLITOS

O QUE É UM ACÓLITO

Acólito significa “companheiro de viagem”. Um acólito é alguém que ajuda quem preside à Eucaristia (Bispo, Sacerdote, ...), mas não só... São também os acólitos que preparam algumas festas ou celebrações que não a própria Eucaristia.

Na “eucaristia”, um acólito serve de exemplo para a assembleia. Através dos acólitos a assembleia sabe se deve estar de pé, sentada, de joelhos.

Os acólitos estão presentes não só na eucaristia, mas também fora dela. São os acólitos que, por exemplo, ajudam nas vendas de velas na época do Natal, que ajudam nas vendas de bolos para a catequese.

Ser acólito não passa só por “ajudar na missa”, ser acólito é muito mais do que isso. Quando cada um de nós pensou em entrar para este grupo de amigos, não foi única e exclusivamente para

auxiliar nas celebrações. Este grupo é um conjunto de amigos que, para além de participar nas celebrações, ajuda outros grupos ligados à paróquia, realiza actividades lúdicas, como jantares de convívio, realizamos também reuniões para programar alguma celebração mais importante. Podemos então dizer que ser acólito tem várias vertentes: a vertente de auxílio nas celebrações, a vertente de ajuda a outros grupos paroquiais e a vertente lúdica.

Para nos tornarmos acólitos

frequentamos uma pequena formação dada pelos coordenadores. Para passarmos oficialmente a ser acólitos há uma celebração em que nos comprometemos a cumprir as nossas funções.

No ano de 2013, houve uma cerimónia de Compromisso de Acólitos, na qual cerca de 10 membros do nosso grupo se tornaram oficialmente “companheiros de viagem”.

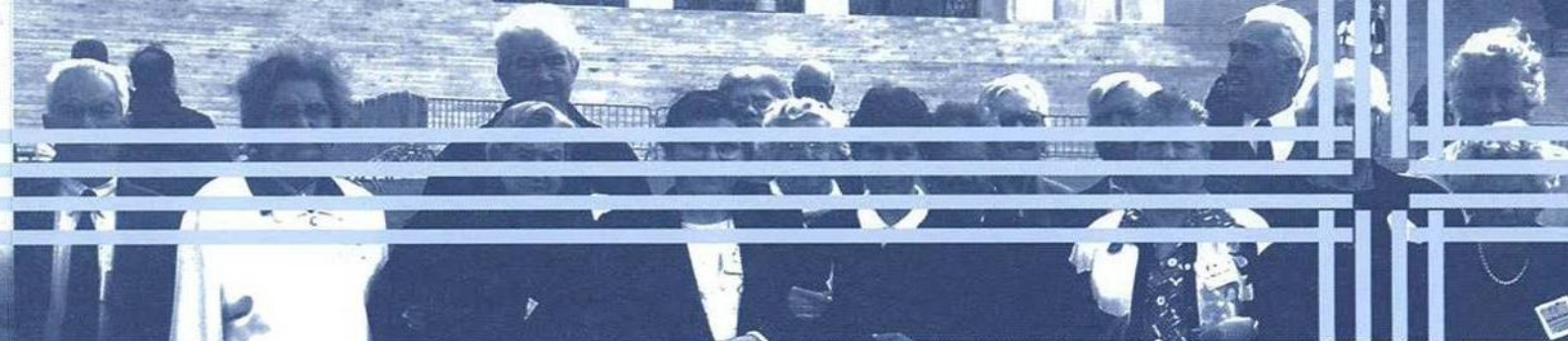
Para ingressarmos na formação, é preciso preencher alguns requisitos: primeiro é preciso ter realizado a primeira comunhão, depois é preciso ser fiel e responsável ao compromisso.

Este é um grupo de amigos, ao qual me atrevo a chamar segunda família, que está sempre em crescimento, por isso, se quiseres pertencer ao grupo de “companheiros de viagem”, fala com um de nós depois da eucaristia ou de qualquer celebração na qual estejamos presentes.

Estamos à tua espera.

Diogo Carvalho





IDADE DA SABEDORIA

«A VIDA É O MAIOR VALOR A DEFENDER»

É inegável o crescimento da população idosa nas últimas décadas. Como tal, surge a necessidade urgente em proporcionar condições biopsicossociais para uma qualidade de vida efetiva.

Os resultados de vários estudos em idosos concluem que os grupos de convivência representam uma realidade de vida saudável e dinâmica.

Sendo assim, destaca-se a importância em ampliar ações que visem o convívio e que beneficiem este grupo de forma integral.

Nesta medida, a criação de estruturas com cuidados especializados para idosos tem sido crescente, sendo o

CSPPL uma estrutura que acolhe esta população e que pretende, no âmbito da sua atividade, proporcionar serviços permanentes e adequados à problemática que envolve a pessoa idosa, contribuir para a estabilização ou retardamento do processo de envelhecimento, criar condições que permitam preservar e incentivar a relação interfamiliar, bem como potenciar a integração social. Apesar de tudo, de forma geral, o processo de institucionalização ainda não é uma realidade bem encarada quer pelo idoso quer pela família. Por esse motivo, compete às equipas das instituições uma atenção mais pormenorizada no período de adaptação do utente/família.



É neste contexto, em estreita colaboração com a equipa multidisciplinar, nomeadamente, serviço social, nutrição, psicologia, psiquiatria, médico de família, que a nossa missão, enquanto profissionais de enfermagem, constitui importante contributo. Privilegiamos a promoção da qualidade de vida e bem estar dos idosos. Como máxima exultamos que a vida é o maior valor a defender, desde a concepção até aos momentos terminais.

A Enfermagem é cada vez mais uma profissão que visa a prestação de cuidados gerais e individualizados a toda a população.

A sua prática no CSPPL não passa apenas pelas técnicas de enfermagem, preparação e administração de medicação, realização de tratamentos a feridas, monitorização de sinais vitais, diagnósticos de enfermagem, mas também em fortalecer vínculos afetivos entre equipa/utentes/família, tendo sempre presente o envelhecimento enquanto processo natural.

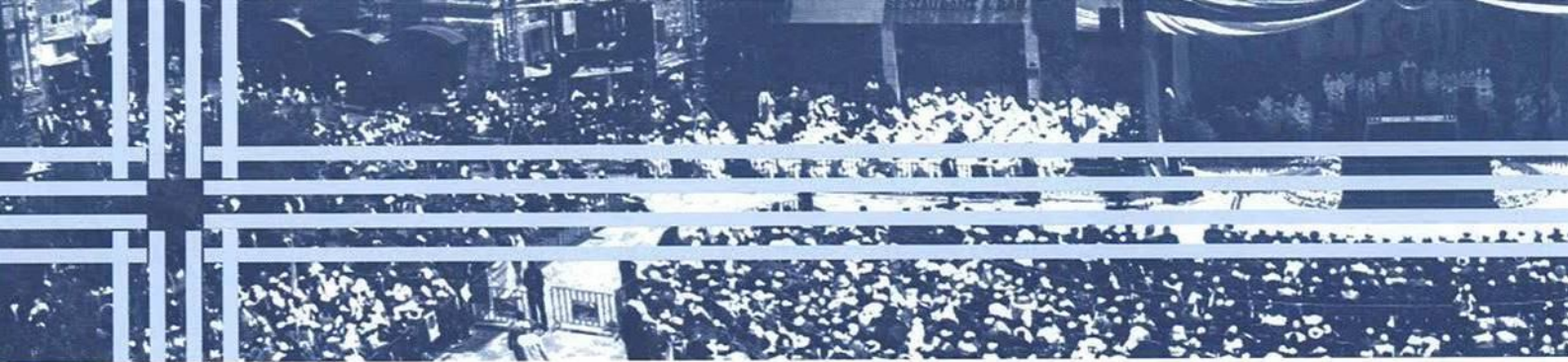
Recebemos anualmente alu-



nos da Escola Superior de Enfermagem Santa Maria sendo que são transmitidos estes conceitos a todos os alunos que estagiam nas nossas instalações.

Neste momento estão conosco 18 alunos que colaboram diariamente no quotidiano do CSPPL. Para além do alento, da alegria que representam para os nossos idosos, enquanto alunos/estagiários de enfermagem, estamos certos que levarão desta Instituição o valor que nos une enquanto profissionais de saúde/agentes de integração e bem estar social.

Equipa de Enfermagem



EM DESTAQUE

10 RAZÕES PARA RECORDAR A VISITA DO PAPA À TERRA SANTA

Do convite inédito para uma jornada de oração entre os presidentes israelita e palestino Shimon Peres e Mahmoud Abbas, ao abraço entre Francisco e o Patriarca Bartolomeu, passando pelo momento em que o Papa beijou a mão aos sobreviventes do Holocausto, recorde aqui os principais momentos desta peregrinação à Terra Santa.

1 – Um convite inédito

O gesto de Francisco de convidar Mahmoud Abbas e Shimon Peres para irem rezar pela paz, no Vaticano, foi verdadeiramente profético e apanhou o mundo de surpresa. Um Papa a falar de paz não é grande novidade, um Papa a

dizer que se deve rezar pela paz muito menos, mas nunca tínhamos visto um Papa a convidar duas pessoas, adversárias e ainda por cima de religiões diferentes, a deslocarem-se do local do conflito para rezarem juntos pela paz.

Este gesto revela duas coisas. Em primeiro lugar uma enorme autoridade moral do Papa, uma vez que o convite não teria sido feito em público se não tivesse sido já aceite em privado. Se a jornada de oração não der em nada não fará nem mais nem menos que a maioria dos outros encontros já promovidos entre israelitas e palestinos, mas o facto de se realizar, e a forma como foi anunciado, mostra que, apesar das suas recentes críticas à

Igreja Católica, a ONU ainda tem uma ou duas coisas a aprender com esta instituição. Afinal de contas, que outro líder do mundo poderia ter feito tal desafio?

Em segundo lugar, comprova, se dúvidas houvesse, que estamos perante um Papa que acredita verdadeiramente no poder da oração, como ficou provado já aquando da convocação do dia de oração pela Síria.

2 - Consciência para o mundo inteiro

O Papa fez cerca de 15 intervenções, entre discursos e homilias, durante a sua peregrinação, mas um dos discursos mais marcantes destes dias foi o do Rei Abdullah, da Jordânia, logo na recepção ao Santo Padre em Amã.

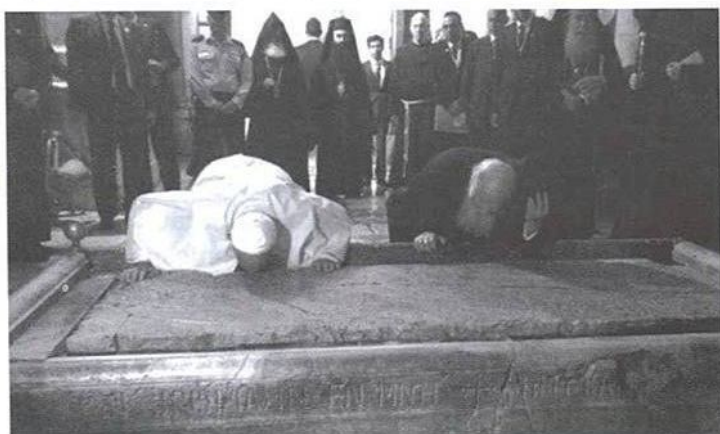
Entre outras coisas, o Rei apelidou Francisco de “consciência para o mundo inteiro”. Não se deve menosprezar o significado destas palavras, sobretudo vindas de um monarca árabe, cuja legitimidade advém do facto de ser descendente directo de Maomé.

3 – Um abraço a dois pulmões

O encontro entre o Papa e o Patriarca de Constantinopla seria sempre um dos pontos altos desta peregrinação e foi mesmo a ideia que inspirou a viagem. O abraço e as relações estabelecidas entre os dois líderes são de uma importância que não pode ser subestimada.

É preciso ter em conta que o diálogo ecuménico se faz a vários níveis. A comunhão só virá do diálogo doutrinar e esse está nas mãos dos especialistas, cujo trabalho não é de invejar. Mas esse diálogo só é possível porque assenta sobre um ecumenismo de amizade, que está ao alcance de todos, e de que foi dado, novamente, tão bom exemplo do topo da hierarquia.

As imagens não deixam dúvidas. Bartolomeu e Francisco vêem-se como irmãos. Irmãos impedidos de comer do mesmo pão, um facto que justamente os scandaliza. Todos os caminhos podem ser longos, mas o primeiro obstáculo é a falta de vontade de caminhar. Durante 900 anos faltou vontade. Agora já se caminha e sonha-se com o destino e isso já é uma vitória.





4—O muro mudou de lugar

Há dois muros verdadeiramente simbólicos na Terra Santa. Os anteriores Papas sempre fizeram questão de ir ao Muro das Lamentações, salientando dessa forma o vínculo entre cristãos e judeus junto do local mais santo do Judaísmo, tudo o que resta do Templo de Jerusalém.

É verdade que este Papa também lá foi. Mas com a sua paragem não agendada junto ao outro muro, o muro que separa a Palestina de Israel, trocou a ordem de importância dos dois locais e realçou o muro da divisão. Não foi preciso dizer nada. Bastou parar para rezar.

Que dizer sobre este muro? Quem vive longe não pode compreender como esta cons-



trução afecta a vida e a dignidade dos palestinianos. Nessa qualidade é uma mancha e sinal de divisão e opressão com cuja destruição todos devem sonhar.

Mas quem critica o muro tende a ignorar um dado importante: os atentados suicidas em Israel praticamente cessaram desde que foi construído. Para os israelitas isso é prova de que o muro cumpre a sua função.

O problema, por isso, não é tanto haver ou não haver muro. O muro é apenas uma extensão da divisão que já existe no coração daqueles dois povos. Enquanto esse muro existir, todo o betão do mundo não passará de uma distração.

É precisamente este facto que dá importância ao tal encontro de oração que se irá realizar em Roma.

5—Beija-mão trocado

Tal como o Papa “trocou as voltas” à questão dos muros, também o fez esta segunda-feira de manhã, quando foi ao memorial Yad Vashem. A tradição entre os cristãos é de se beijar a mão ao Papa. Os



não cristãos podem não o fazer, mas normalmente inclinam ligeiramente a cabeça enquanto lhe apertam a mão, em sinal de respeito.

Mas quando o Papa foi apresentado aos seis sobreviventes do Holocausto, no memorial, inverteu os papéis e foi ele que se inclinou perante aqueles judeus, beijando-lhes a mão. Como não ver aqui um paralelo com o gesto de Cristo na Última Ceia, de lavar os pés aos seus discípulos? E como não ver também um reconhecimento, por parte de Francisco, de que o facto de terem vivenciado aquele episódio da história da humanidade, torna estes homens e estas mulheres, de alguma forma, sagrados?

6—Lição para os guardiães do Santo Sepulcro

O Santo Sepulcro é um lugar de profunda contradição para os cristãos. Antes de mais, é o símbolo máximo do que os une: a crença na morte e ressurreição de Cristo, naquele lugar. Mas por outro lado é sinal visível do pior das divisões. São seis as confissões cristãs que partilham a custódia do complexo e as lutas, mesmo físicas, são frequentes. A situação é tão grave que às vezes é preciso soldados judeus entrarem para separar monges que trocam murros e pontapés, e a chave da Igreja está confiada a uma família muçulmana...

É por isso que foi tão importante o gesto ecuménico de Francisco e de Bartolomeu ter lugar ali. Será que a lição foi apreendida por todos os que testemunharam ao vivo?

(Continua na pág. 10)

É ASSIM NO ENCANTO...

A TRANSIÇÃO PARA O 1º CICLO DO E.B.

Aproxima-se a passos largos o final do ano letivo, e como tem sido habitual, algumas das nossas crianças vão-nos deixar para ingressar no 1º ano do Ensino Básico. Agora, novas experiências os esperam, assim como novas aprendizagens, conquistas, descobertas, desafios, acompanhados de novos amigos e adultos, que esperamos, estejam lá para ajudá-los nesse seu caminho que, um dia, também já percorremos.

A entrada no 1º ciclo assume-se como um marco significativo na vida e no desenvolvimento de todas as crianças. A maneira como este processo, gerador de sentimentos ambivalentes será experienciado e sentido, terá consideráveis impactos sobre transições futuras e na evolução das aquisições académicas. Para que se proporcione à criança uma situação de transição facilitadora da continuidade educativa, tanto o educador como o professor deverão desenvolver estratégias de articulação que passam não só pela valorização das aquisições feitas pela criança no

jardim-de-infância, como pela familiarização com as aprendizagens escolares formais.

Quando a criança entra no 1º ciclo, muitas alterações terá que fazer. Pela primeira vez é esperado da criança que corresponda, todos os dias, a exigências de responsabilidade e que se torne mais autónoma. Há que ser assíduo e pontual, respeitar horários, manter-se à secretária e prestar atenção por períodos mais longos, conseguir assimilar toda a informação e posteriormente ser capaz de aplicá-la. Uma grande mudança, tanto para as crianças como para toda a família.

Habitualmente, ir para a escola é um assunto que começa a ser falado muito tempo antes do início real do ano letivo. Pais e restante família não resistem a perguntar se a criança está contente e sobre o que pensa que a escola será. Também são muito comuns os comentários sobre a necessidade de estar preparado e todas as modificações que se esperam no dia-a-dia.



A maior parte das crianças entusiasma-se com a ida para a escola: sabem que vão aprender muitas coisas novas e aproximam-se, por exemplo, do estatuto dos irmãos, primos ou amigos mais velhos. Tal deve ser suficiente para promover uma boa expectativa. Para além de todas as variações no quotidiano dos mais novos, o início desta nova etapa implica também alterações na forma de funcionamento da família. A começar pelos horários. Os tempos de deitar e levantar, das refeições e do estudo e lazer podem sofrer mudanças significativas. Para que as transformações ocorram sem grandes sobressaltos, há que tomar algumas iniciativas e uma delas é, por vezes, ter que recorrer aos serviços de um A.T.L. Em muitas ocasiões o A.T.L. escolhido funciona na mesma instituição (como é o nosso caso) que a criança fre-

quentou no pré-escolar. Consideramos que esta situação traz algumas vantagens, pois não só é possível manter algumas rotinas como, provavelmente, o contato com amigos e adultos conhecidos.

À medida que o início do ano letivo se aproxima, vale a pena implementar a nova forma de organização da família, de modo a receber o primeiro dia de aulas com entusiasmo e alegria.

A todos os meninos e meninas que nos deixam, desejamos muitas felicidades no seu percurso escolar e esperamos, sinceramente, que levem as melhores lembranças dos anos que passaram aqui connosco.

Voltaremos em setembro, e até lá boas férias para todos.

Helena Luz

DO ATL... COM "ENCANTO"

SER MÃE... NO «ENCANTO»

Olá a todos.

Neste jornal vamos falar-vos em especial do dia da MÃE. Depois, de convidarmos todas as mães dos meninos do ATL a estarem presentes para partilharem com os seus filhos um momento diferente e mais intimista nesta vida de corre corre dos dias de hoje, Pedimos a uma mãe que nos passasse para o papel como tinha sido a sua vivência desse momento e a sua visão daquilo que para ela é ser mãe.

E ela respondeu-nos assim:

No dia 5 de Maio festejou-se mais um Dia da Mãe no ATL.

Saí do emprego a correr para não chegar atrasada, pois não há nada como o sorriso dos nossos filhos quando nos vêm a entrar pela porta. A alegria estampada na cara e o brilho nos seus olhos compensam qualquer aborrecimento do dia-a-dia.

E assim foi... cheguei para celebrar mais uma festa dedicada às Mães. Fizemos jogos, comemos bolo e

sumo e recebemos lembranças: umas compotas deliciosas e uns postais com poemas feitos pelos nossos filhos com todo o amor e dedicação.

*"Mãe
São três letras apenas
As desse nome bendito
Também o Céu tem 3 letras
E nelas cabe o infinito."*

Enquanto lá estava pensei: "Como é bom ser mãe e ser acarinhada pelo meu filho, mas ao mesmo tempo, lembrei-me de todas as aquelas mães que lá estavam e que não estavam a ter o mesmo reconhecimento.

Refiro-me às Mães que trabalham no ATL. Elas, tal como eu, acarinham, dão mimo, alimentam, ralham e educam o meu filho, com o mesmo amor e empenho que eu. Por vezes passam mais horas por dia com eles do que eu, e também lhes conhecem os gostos, feitios e manhas.

O dia da Mãe é o meu dia mas também é o dia de todas as mães que comigo criam os meus filhos: Educadoras, auxiliares, cozinheiras e todas as outras que todos os dias estão lá para me apoiar. Por tudo isto o meu Obrigada a todas essas mães.

Ser mãe é a profissão mais compensadora do mundo.

Carla Marques

E com estas palavras, que muito gostamos e com as quais nos identificamos e agradecemos, vos deixamos até ao próximo jornal, com mais notícias daquilo que por aqui se vai fazendo....

Cristina Barbosa



10 RAZÕES PARA RECORDAR A VISITA DO PAPA À TERRA SANTA

(Continuação da pág. 7)

7 – Estatuto de Jerusalém

Estas viagens incluem sempre uma gigantesca dose de diplomacia. Cada palavra é medida para se avaliar o seu potencial impacto. No que diz respeito ao conflito israelo-árabe, a posição da Santa Sé é clara, apoiando uma solução de dois estados soberanos, com um estatuto especial para Jerusalém, que garanta o acesso a todos os fiéis. Este estatuto poderia passar ou por uma partilha de soberania entre Palestina e Israel ou mesmo uma soberania internacional, por exemplo. A direita israelita rejeita firmemente abdicar

da soberania de Jerusalém.

O Papa não abordou directamente o assunto, mas em pelo menos dois dos seus discursos falou da importância “universal” de Jerusalém e do acesso aos lugares santos. A mensagem, calculada para não tornar-se um incidente diplomático, terá sido bem captada.

8 – Cansaço natural

Com tanto entusiasmo à volta do Papa Francisco, é fácil esquecer-se que ele está a caminho dos 78 anos e, como é público, não goza de uma ótima saúde. O Papa pareceu cansado nesta viagem, sobretudo no final. Foram três

dias, três países, várias viagens e 15 intervenções públicas... quem não ficaria cansado? Mas é bom recordar que o Papa não é de ferro.

9 – Vieram do fim do mundo

Quando o Papa foi eleito disse aos fiéis que os cardeais o tinham ido buscar “ao fim do mundo”. Quem diria que, pouco mais de um ano depois, seriam três líderes religiosos argentinos a dar o exemplo do diálogo inter-religioso? Embora só tenham aparecido juntamente em público na visita ao Muro das Lamentações (pelo menos de forma mais notória), o abraço entre o Papa Francisco e os seus amigos o rabino Abraham Skorka e o imã Omar Abboud grita mais alto do que qualquer discurso de ocasião a importância da humanidade comum e da amizade que pode transcender divisões de credo, sem as menosprezar.

10 – Cristãos perseguidos

Já era de esperar, mas não deixou de ser impressionante a forma como o Papa falou dos

cristãos perseguidos, muitas vezes no contexto em que falava de pessoas afectadas pelas guerras e os conflitos em geral.

O Iraque e a Palestina estiveram em destaque, naturalmente, mas foi a tragédia na Síria que foi mais vezes falada. O Papa nunca disfarçou a sua preocupação pela situação na Síria e os sírios apreciam certamente essa atenção.

No encontro com o Patriarca Bartolomeu, Francisco voltou a um tema de que já tinha falado antes, o “ecumenismo de sangue”.

“Quando cristãos de diferentes confissões se encontram a sofrer juntos, uns ao lado dos outros, e a prestar ajuda uns aos outros com caridade fraterna”, disse Francisco, “realiza-se o ecumenismo do sofrimento, realiza-se o ecumenismo do sangue, que possui uma eficácia particular não só para os contextos onde o mesmo tem lugar, mas, em virtude da comunhão dos santos, também para toda a Igreja”.

Filipe d'Avillez
(in RR)



UMA «CASA GRANDE» PARA A COMUNIDADE

Continuando a apresentar passos da história da nossa paróquia, apoiando-nos na resenha histórica que o Sr. Filipe Pacheco, que muito colaborou nesses tempos, chegamos à necessidade de uma igreja.

Cerca de três anos depois do início da “missão”, vai-se sentindo a necessidade duma maior “igreja de pedra” para acolher a “Igreja Corpo de Cristo”. Nas celebrações litúrgicas observa-se já uma exiguidade da Capela que na Arroiteia é ainda a casa-mãe desta Comunidade. Não havia dinheiro e o pouco com que a Paróquia podia contar era irrisório. A “Bolsa da Obra” (para encargos de administração, fomento e sustento do padre) tinha, em Outubro de 1965, somente 453 subscritores, e o saldo das receitas e despesas era de 11.504\$50.

Mas tínhamos que fazer uma igreja! Numa sua “Folha Dominical”, o Padre Leonel dizia, reportando-se aos trabalhos da Obra e à nossa pequenez: “...O grão de mostarda. Mas já somos uma árvore. Pequena? Grande? Quem pode medir a obra de Deus? Muitos a consideram insignificante, só porque... não temos ainda a igreja definitiva! Cristãos de campanário estão fora de moda!? Mas nós precisa-

mos da igreja! Já somos tantos, meu Deus! E vamos construí-la, ainda que não acreditem.”

Só muito mais tarde se concretizou este desiderato, não só por razões de ordem económica, mas também por falta de apoios quer particulares quer oficiais, que, aliás, nunca foram solicitados. O Pároco entendia que a construção da igreja “teria de ser um grande sinal do Povo de Deus do Padrão da Légua”, sem ter de “deitar mão de expedientes e truques que atraíam os grandes princípios da Fé, da Fraternidade e da Esperança”. Repudiava a ideia de uma Igreja mendiga, humilhada por óbolos, as mais das vezes complacentes ou por exibição ou por bairrismos, que não por Fé. Os leigos integrados nos grupos de trabalho mais responsáveis, sobretudo do Conselho Pastoral e da Mesa Administrativa, eram solidários com o Padre Leonel, partilhando os mesmos sentimentos.

Entre a Comunidade dos Fiéis o tema “Igreja Nova” andava em todas as bocas, sobretudo desde a Primavera de 1966. As Folhas Dominicais e algumas “Cartas Pastorais” do Pároco tinham impulsionado o “sonho”, fazendo acreditar numa “realidade”, mesmo que ainda não houvesse um terreno onde construir...

As obras de Deus têm tempos limiares e tempos extremos; entre eles ficam por vezes longas distâncias, porque as medidas de Deus não são as nossas. E assim foram transcorrendo muitos meses. Os anseios e as expectativas das forças vivas da Paróquia foram obrigando a criar novas orientações, tendo confiado ao “Conselho da Fábrica da Igreja” a tarefa de descobrir algum terreno que, pela sua área e localização, preenchesse as necessárias condições.

Pouco antes da Páscoa do ano de 1968, por graça de Deus, o Eng.^o Constant de Carvalho e sua esposa D. Maria Cristina Sanchez, dispuseram-se a fazer uma doação à Paróquia, com uma grande e corajosa generosidade: a doação duma sua quinta, ficando apenas com um pequeno quintal, o que exprimia um desapego cristão que nunca é demais relevar.

As emoções desencadeadas por este documento não são fáceis de descrever, porque as palavras não são suficientemente elucidativas. Com emoção compreensível, o Padre Leonel apressou-se a convocar uma reunião (22 de Março de 1968), com carácter de urgência, do Conselho da Fábrica da Igreja.

Após a leitura da “Carta de Doação”, imagine-se o espanto que se lia em todos os rostos, num primeiro instante, olhando uns para os outros, sem palavras; e

logo após, reagindo, todos queriam dizer algo, falando em simultâneo! Estávamos perante o início da concretização de um “sonho” que já contava oito anos e que se realizava assim! Como calar tamanha alegria?

Chegara o momento da tomada de outras decisões. A “Carta de Doação” do terreno impunha algumas condições. Não tínhamos dinheiro, mas a Obra era d'Ele, tínhamos de confiar! E mais uma vez o dedo de Deus entrou em acção: um paroquiano, impressionado “pelo modelo de cristianismo vivido e implantado na Paróquia do Senhor Jesus do Padrão da Légua”, manifestou uma enorme generosidade e colaboração. E fê-lo sem exigir ou esperar a gratidão dos cristãos da Comunidade, e em condições muito precárias, com poucas ou nenhuma hipóteses de ressarcimento do seu capital. Além disso foi em Maio a Alpendurada comprar uma esplêndida pedra de granito, por 4.000\$00, onde se viria a celebrar uma primeira Missa campal.

Sucederam-se as reuniões, os contactos com arquitectos, construtores e com a Câmara. A Comissão de Fomento, mandada pelo Conselho da Fábrica da Igreja presidido pelo Pároco, encomendou um projecto de templo, estruturalmente de acordo com as novas orientações emanadas de documentos conciliares sobre a Liturgia.

O GRITO DO PROFETA

PEQUENAS E GRANDES COISAS...



Um homem passeava pelo
bosque e sussurrou:

- Deus, fala comigo...

E um passarinho cantou...

Mas o homem não ouviu...

Então, o homem gritou:

- Deus, fala comigo...

E trovões e raios apareceram
no céu...

Mas o homem não notou...

O homem olhou á sua volta e
disse:

- Deus, deixa-me ver-Te...

E estrelas brilhantes aparece-
ram...

Mas o homem não perce-
beu...

O homem gritou:

- Deus, mostra-me um
milagre...

E uma vida nasceu...

E o homem não reparou...

Então o homem gritou em
desespero:

- Toca-me, Deus. Deixa-me
saber que estás aqui...

E uma borboleta pousou no
seu ombro...

Mas o homem espantou-a...

...

Isto é um grande ensinamen-
to de que Deus está sempre à
nossa volta, nas coisas que
nem imaginamos...

Tanto nas pequenas e sim-
ples, como também nas gran-
des...

Não perca as bênçãos sim-
plesmente por que elas não
estão "embrulhadas" da ma-
neira que esperava...